

fight
série sky ridge hotshots, livro um
sloane st. james

Tradução de Isabel Garcia

ÍNDICE

Glossário	9
Organograma	13
<i>Playlist</i>	15
<i>Tropes</i> , Advertências e Aviso de Conteúdo	17
Apoie Os Bombeiros Florestais	19
Dedicatória	21
Prólogo	23
Capítulo 1	29
Capítulo 2	34
Capítulo 3	43
Capítulo 4	49
Capítulo 5	53
Capítulo 6	57
Capítulo 7	63
Capítulo 8	68
🔪 Capítulo 9	73
Capítulo 10	91
🔪 Capítulo 11	93
Capítulo 12	105
Capítulo 13	108
Capítulo 14	111
Capítulo 15	115
Capítulo 16	122
Capítulo 17	124
Capítulo 18	126
Capítulo 19	130
Capítulo 20	131
Capítulo 21	133
Capítulo 22	136
Capítulo 23	138

Capítulo 24	145
Capítulo 25	149
Capítulo 26	155
Capítulo 27	159
Capítulo 28	166
Capítulo 29	170
Capítulo 30	175
Capítulo 31	180
Capítulo 32	184
Capítulo 33	187
Capítulo 34	193
Capítulo 35	200
Capítulo 36	210
☞ Capítulo 37	211
Capítulo 38	224
Capítulo 39	232
☞ Capítulo 40	239
Capítulo 41	246
Capítulo 42	253
Capítulo 43	259
Capítulo 44	268
Capítulo 45	276
☞ Capítulo 46	281
Capítulo 47	287
Capítulo 48	298
Capítulo 49	304
☞ Capítulo 50	307
Epílogo	311
Agradecimentos	315
Bem-Vindos À Zona Sloane	318

GLOSSÁRIO

Autobomba: um camião ou outro veículo terrestre que pode transportar e bombear água através de mangueiras para o local de um incêndio.

Besouros-do-fogo ou besouros *Melanophila*: insetos atraídos pelos incêndios florestais, pois utilizam a madeira acabada de queimar (e, por vezes, ainda em combustão) para pôr os seus ovos. Reúnem-se perto do fogo e têm uma mordedura feroz, atacando frequentemente os bombeiros florestais que trabalham numa linha de fogo.

Buggy: veículo de transporte constituído por assentos sem abastecimento de água. Tem um total de oito lugares, o que permite transportar uma grande quantidade de pessoal para o incêndio.

Cadeia: unidade de medida, normalmente utilizada em incêndios florestais. Oitenta cadeias equivalem a uma milha, ou seja, uma cadeia tem cerca de vinte metros.

Cascalho: uma massa de pequenas pedras soltas que formam ou cobrem uma encosta numa montanha.

Chamada: convocação para combate a incêndio.

Chuva de brasas: uma nuvem de brasas quentes transportada pelo vento, que muitas vezes permite que o fogo «salte» sobre as linhas de controlo e se propague, criando incêndios pontuais. As brasas podem percorrer mais de um quilómetro antes de caírem.

Comandante do incidente: o líder de um incêndio e uma das dezenas de pessoas que gerem o complexo planeamento, a segurança, a estratégia e as operações de um incêndio.

Equipa do terreno: bombeiros florestais de funções gerais. As equipas do terreno são normalmente de dezoito a vinte pessoas e trabalham na escavação da linha, na limpeza de árvores e arbustos com motosserras e na realização de queimadas controladas com tochas de gotejamento.

Equipa helitransportada: uma equipa de bombeiros treinada e certificada para tripular helicópteros no combate a incêndios.

Hotshots: uma equipa de bombeiros florestais com formação intensiva, cuja principal tarefa é atacar diretamente um incêndio e escavar manualmente linhas de controlo e de fogo.

I-MET: o meteorologista do incidente.

Incêndio pontual: uma ocorrência em que as brasas atravessam as linhas de controlo e se instalam na vegetação ou noutro material inflamável, dando origem a novas chamas.

Incêndios de copa: quando as copas das árvores se incendeiam. Estes são frequentemente os maiores incêndios, os mais difíceis de conter e os que se movem mais rapidamente. Quando uma copa se inflama, esse fogo pode começar a passar de árvore em árvore.

Linha de controlo ou de contenção: qualquer barreira construída ou natural utilizada para impedir a progressão de um incêndio.

Linha de fogo: uma linha de terra sem vegetação que presumivelmente irá parar ou direcionar o progresso de um incêndio. Os bombeiros escavam a linha à mão, utilizando *Pulaskis* e outras ferramentas.

Localizador Osborne: dispositivo utilizado pelos vigias de incêndios para encontrar a direção (azimute) do fumo, a fim de alertar as equipas de bombeiros para um incêndio florestal.

Negra: a área que já está queimada.

Nomex ou Amarelos: a camisa amarela usada pelos bombeiros florestais. *Nomex* é um termo de marca registada para um tecido resistente às chamas amplamente utilizado em aplicações industriais e equipamentos de proteção contra incêndios.

Pinga-lume ou tocha de gotejamento: ferramenta manual utilizada para atear fogos controlados, ou queimadas controladas, através da ignição intencional de fogos por aspersão de combustível no solo.

Pitões: uma placa de metal com espigões fixada a uma bota para caminhar sobre o gelo ou para escalar rochas.

Poço de cinzas: um buraco no chão cheio de cinzas quentes e brasas.

Ponto de ancoragem: um local estratégico a partir do qual se inicia a construção de uma linha de fogo, começando numa área natural não inflamável, como rochas, riachos ou trilhos. O objetivo de um ponto de ancoragem é evitar que o fogo arda à volta da linha de fogo, encurralando os bombeiros por trás.

Pulaski: uma ferramenta com uma cabeça que tem uma lâmina de machado de um lado e uma enxada do outro.

Queima: quando uma ou mais árvores ficam em chamas.

Queimada prescrita ou controlada: um fogo planeado que é intencionalmente ateadado para atingir objetivos de gestão específicos, tais como reduzir o risco de incêndio e restaurar ecossistemas naturais.

Queimada, contrafogo ou queima: termos que designam a colocação intencional de fogo no solo e a queima de vegetação contra uma frente de chamas ativa para a privar de combustível.

Rota de fuga: uma rota predeterminada para permitir que os bombeiros se retirem em segurança, caso a situação se torne perigosa no terreno.

RPC: refeições prontas a comer. Uma ração autónoma e leve que fornece uma refeição completa a um indivíduo.

Stihl: uma marca de motosserra, utilizada pelos bombeiros florestais para cortar arbustos, troncos e detritos.

Tripulação da autobomba: uma equipa de até dez bombeiros a bordo de uma autobomba, encarregada de iniciar o combate direto a um incêndio. Utilizam

uma variedade de ferramentas, recorrendo principalmente a mangueiras e a água.

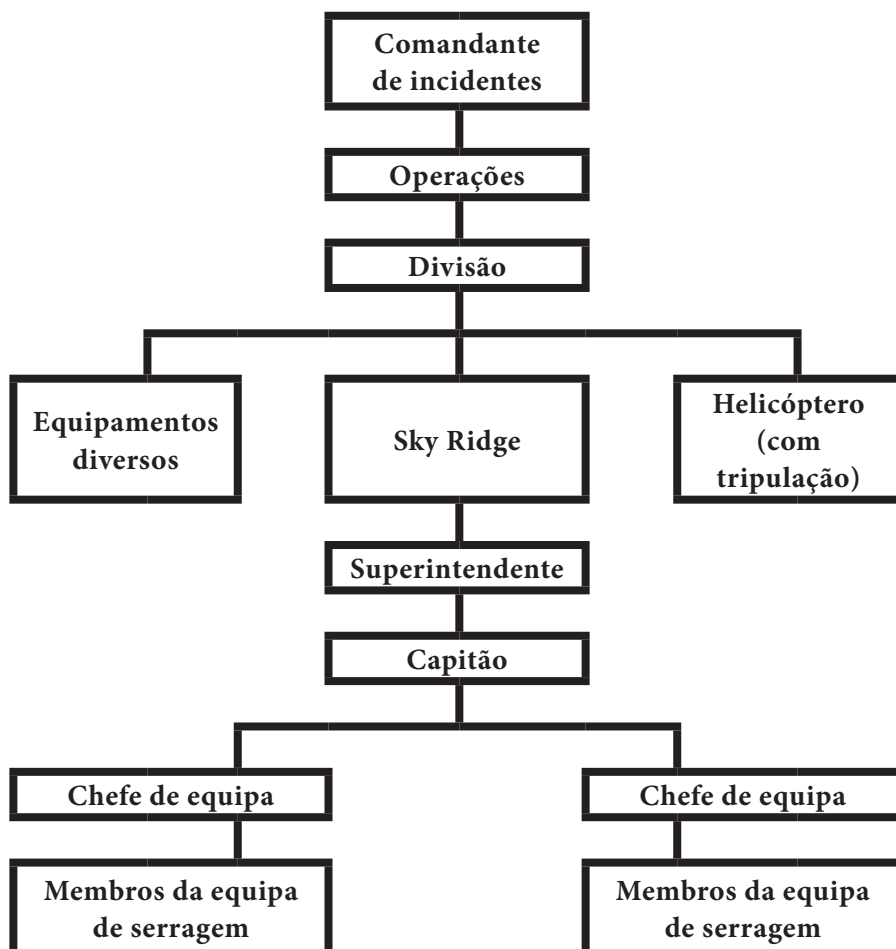
Tronco: uma árvore morta, muitas vezes queimada, que representa um perigo para os bombeiros no solo.

VUT: um veículo utilitário de terreno. Um veículo motorizado concebido para utilização fora de estrada, normalmente maior do que um veículo todo o terreno (VTT) e frequentemente utilizado para trabalho e não para recreio.

Verde: área carregada de combustível que ainda não ardeu.

ORGANOGRAMA

EXISTEM VÁRIOS MILHARES DE PESSOAS DE VÁRIAS EQUIPAS DE COMANDO ENVOLVIDAS NAS OPERAÇÕES DE FOGOS FLORESTAIS, MAS, PARA MANTER O ORGANOGRAMA SIMPLES, LISTAMOS APENAS OS CARGOS MENCIONADOS NA SÉRIE SKY RIDGE HOTSHOTS.



PLAYLIST



Prólogo [«Breaking Point» (FU) — Logan Michael]

1. «Pesticides» — Moselle, Matt Hip
2. «Bride at a Bar» — Vwillz, Mike
3. «Weren't For The Wind» — Ella Langley
4. «American Dream» — Drayton Farley
5. «Let it Burn» — Shaboozey
6. «Coal» — Dylan Gossett
7. «Risk» — Gracie Abrams
8. «Spin You Around» — Morgan Wallen
9. «Up In Flames» — Leszewo
10. «Straight and Narrow» — Sam Barber
11. «FMRN» — Lilyisthatyou
12. «Unhealthy» — Anne Marie *feat.* Shania Twain
13. «Smoke and a Light» — Ole 60
14. «White Mustang» — Lana Del Rey
15. «Ghost In My Guitar» — Alana Springsteen *feat.* Chris Stapleton
16. «Twin Flame» — Brennan Story
17. «A Lot More Free» — Max McNown
18. «Ain't Doin' Jack» — Josh Ross
19. «Fuck Your Sunshine» — Laszewo
20. «Dead to Me» — Viola
21. «World on Fire» — Nate Smith
22. «Amnesia» — Josh Abbott Band
23. «Civilian» — Wye Oak
24. «Backroad» — Lecade
25. «It Is What It Is» — Abe Parker
26. «Good Die Young» — Wetzel

- 27. «Everything Under the Sun» — Waylon Wyatt
- 28. «The Emotion» — BORN5
- 29. «If I Were The Devil» — Colby Acuff
- 30. «Hold On» — Chord Overstreet
- 31. «Red Flags» — Josh Ross
- 32. «The Night We Met» — Lord Huron
- 33. «I'm The Sinner» — Jared Benjamin
- 34. «Everything We Need» — Wilfred
- 35. «Wine into Whiskey» — Tucker Whitmore
- 36. «Pitchin Fits» — Drayton Farley
- 37. «WOW» — Zara Larsson
- 38. «A Cigarette» — Gavin Adcock
- 39. «Burning Down» — Alex Warren
- 40. «Feathered Indians» — Tyler Childers
- 41. «Make It Out Alive» — Matthew Gold
- 42. «Maxed Out» — Bayker Blankenship
- 43. «Love is Beautifully Painful» — Darkrose Ghost Duet
- 44. «Religiously» — Bailey Zimmerman
- 45. «Beneath Oak Trees» — Dylan Gossett
- 46. «Half of Forever» — Henrik
- 47. «What He'll Never Have» — Dylan Scott
- 48. «Let It Burn» — Jared Benjamin
- 49. «Holy Smokes» — Bailey Zimmerman
- 50. «Skin and Bones» — David Kushner
- 51. «Shake the Frost» — Tyler Childers

TROPES

Romance no local de trabalho, inimigos que se tornam amantes, falhas de comunicação, nova rapariga na cidade, uma cama, nós contra a natureza, protagonista feminina forte em perigo, *playboy* reformado.

ADVERTÊNCIAS

Este livro aborda traumas religiosos abusivos, incluindo terapia de conversão e homofobia. Também há descrições de claustrofobia, desastres naturais, encontros próximos com incêndios florestais, transtorno de stresse pós-traumático complexo, ataques de pânico e recordações de mortes testemunhadas. Se estas situações o afetam, por favor, não leia este livro.

AVISO DE CONTEÚDO

Este livro contém linguagem profana e cenas de conteúdo sexual explícito com asfixia intencional, uso de amarras, masturbação pessoal, masturbação mútua, elogios e ligeira degradação.

APOIE OS BOMBEIROS FLORESTAIS



Não lhes vou chamar heróis porque iriam detestar isso, mas não poderia escrever este livro sem reconhecer os verdadeiros bombeiros florestais, que desempenham estas tarefas perigosas em cada época de incêndios.

Eles trabalham longas horas em condições traiçoeiras, enfrentando calor extremo, fumo e terrenos inóspitos — muitas vezes, sem receber um salário adequado e sacrificando o tempo que poderiam passar com os seus entes queridos. Os desafios que enfrentam estão além do que a maioria de nós pode imaginar, afetando a sua resiliência física, mental e emocional. A sua dedicação em proteger as nossas comunidades, paisagens e recursos naturais merece o nosso mais profundo apreço e apoio.

A Grassroots Wildland Firefighters defende a classificação, a remuneração, os benefícios e o bem-estar abrangente adequados aos bombeiros florestais federais, fornecendo soluções e apoio por meio de reformas políticas.

Se desejar contribuir financeiramente, considere fazer uma doação em <http://givebutter.com/GRWF>.

Para S.
Este livro é tanto seu quanto meu.
Obrigada por tudo.



Cinco Anos Antes

Quando é que começámos a elogiar os funerais, chamando-lhes *bonitos*? Quem foi que começou isto? Adorava empurrá-lo por uma escada abaixo. Hoje, todos os comentários têm sido de apreciação à cerimónia, como se fosse a única conversa fiada que todos soubessem fazer. Funerais são funerais. São todos horríveis. No entanto, este é o pior... porque o vi morrer, e a memória recente do seu corpo sem vida repete-se incessantemente nos meus pensamentos. A única bênção foi ele ter partido instantaneamente.

É um alívio sair da funerária, mas conduzir até ao *duplex* do Garrett parece ser tanto ou mais assustador. Não sei onde vão encaixar todas estas pessoas, porque a casa não é muito grande. Estaciono a minha carrinha na rua do bairro residencial, atrás de muitos outros veículos pertencentes a amigos e familiares.

O Garrett Macomb era o nosso líder, o superintendente da nossa equipa de elite e o pai de um dos meus melhores amigos. Embora muitos dos membros da nossa equipa dissessem que ele era como um pai para todos nós.

— Estás bem? — pergunta a minha noiva, a Molly, baixando a pala do lado do passageiro para retocar o batom. Está a tentar ser solidária, mas nota-se um certo tom subtil na sua voz. Está frustrada comigo, e não a posso censurar. Desde que assisti à morte do Garrett, tenho estado cada vez menos presente. Os meus pensamentos afastam-me para longe e estou constantemente distraído.

Com o meu horário de trabalho, o tempo que passo com a Molly é curto e valioso. Estamos juntos desde o ensino secundário e decidimos mudar-nos para Sky Ridge, em Washington, para que eu pudesse realizar o meu sonho de combater incêndios florestais e a Molly pudesse encontrar uma boa escola para iniciar a sua carreira de professora. No início, tudo estava ótimo, mas a

cada temporada de incêndios que passa, a tensão no nosso relacionamento vai aumentando. As missões de combate a incêndios duram quinze dias, e em seguida passo apenas alguns dias em casa para descansar e relaxar antes de ser enviado para um novo local.

Ocasionalmente, temos missões nas proximidades, o que nos permite passar mais tempo juntos. Ela é a minha prioridade quando estou em casa, mas está a afastar-se. E, ultimamente, a minha mente está presa no trabalho. Todas as noites, quando vou dormir, aquele dia repete-se na minha mente. Tenho de superar estes bloqueios mentais, e só então poderei encontrar uma maneira de resolver as coisas em casa, para podermos voltar ao normal.

— Estou — minto. — Encontramo-nos lá dentro. Só preciso de um minuto.

Com um suspiro, ela sai da carrinha e ajeita o vestido, e eu sigo-a com os olhos até ela desaparecer dentro de casa. Tenho de me recompor, senão vou perdê-la também.

Estou a esforçar-me para reunir coragem para entrar pela porta da casa do Garrett, onde está a decorrer a receção. Por fim, abro a porta da minha carrinha e saio. Fechando-a, respiro fundo, e uma mulher idosa vestida de preto aproxima-se de mim — Ruth Haggleberg, a bisbilhoteira da cidade. Estava tão absorto nos meus pensamentos que nem tinha reparado nela e na sua travessa coberta com papel de alumínio.

— Posso ajudá-la a levar isso? — ofereço-me.

— Ah, muito obrigada! — Passa-me a travessa e vamos andando em direcção à casa. A Ruth sorri para mim com um sorriso radioso. — Foi um funeral tão bonito...

Valha-me Deus.

Inspiro fundo e tudo o que consigo fazer é um sorrisinho forçado e tenso.

— Hum-hum.

Ela vai tagarelando sobre todas as coisas *simpáticas* que foram ditas sobre o Garrett durante o elogio fúnebre, mas não estou a ouvi-la. Pergunto-me se ainda haverá tequila na garrafa que o King tinha trazido. Bebemos algumas goladas antes do funeral para nos ajudar a passar por isto.

Meto a travessa debaixo do braço quando chegamos aos degraus da entrada e abro-lhe a porta.

— Que cavalheiro! — arrulha a Ruth.

Dá uma palmadinha na minha mão e entra à minha frente.

— Vou deixar isto na cozinha — digo antes de ela desaparecer entre a multidão de convidados. Entro no átrio e passo por entre as pessoas que se aglomeram na sala de estar, abrindo caminho até à cozinha, onde deixo a

travessa desajeitadamente em cima da bancada, fazendo um baque sonoro. Não sei que cozinhado é que a velha fez, mas é mais compacto do que chumbo.

Dou meia-volta e ponho-me à procura da Molly pela sala, mas não a vejo. Algumas pessoas passam por mim e eu desvio-me da frente delas até dar por mim encostado à parede. Nessa altura, o meu olhar pousa-se no Xander. Obrigo-me a olhar para o meu melhor amigo, que mal reconheço. A dor irradia dele; o Xander nunca mais será o mesmo.

É como se ele estivesse vazio por dentro, arrasado pela morte do pai, e fosse eu quem tivesse empunhado a faca que abriu aquela ferida. O dia em que tive de informar o meu melhor amigo de que o pai dele tinha morrido foi o pior da minha vida. Vai demorar muito tempo até eu voltar a ver luz nos olhos do meu amigo.

— Onde está a Molly? — pergunta o King, apanhando-me de surpresa, e encosta-se à parede ao meu lado. Ele é o meu outro melhor amigo na equipa, e fico agradecido por ele estar aqui.

— Está por aí algures...

— Provavelmente foi encurralada pela velha Ruthie.

Sopro uma risadinha.

— Trouxe-lhe uma travessa para dentro... Já peguei em machados que pesavam menos.

Ele abana a cabeça com um sorriso malicioso e observamos a multidão, praticamente espalmados contra a parede.

— Que tal te sentes em relação à promoção?

Quando obtive as qualificações para o cargo de capitão, fiquei em êxtase. O plano era simples. O Garrett Macomb iria reformar-se no final da época de incêndios, permitindo que o Xander assumisse o cargo de superintendente do IHC dos Sky Ridge Hotshots. Fartei-me de trabalhar para me preparar para a reforma do Garrett, para que, quando o Xander fosse promovido, eu pudesse substituí-lo como capitão. Esta promoção ia ser do caraças.

Vinha acompanhada de um aumento muito necessário e iria permitir-me dar à Molly o casamento dos seus sonhos. Estamos no nosso sétimo ano de noivado; prometi-lhe que teria esse casamento e não vou casar-me com ela até lho poder proporcionar. Além disso, o aumento de ordenado significava que podíamos finalmente sair da nossa casa arrendada. Há uma moradia para renovar que tenho tido debaixo de olho desde que me mudei para cá. A casa está em mau estado, mas está dentro do nosso orçamento e tem muito potencial. Pode demorar algum tempo até ficar pronta, mas, com algum trabalho e dedicação, não tenho dúvidas de que ficará ótima.

A Molly e eu estávamos entusiasmados com a próxima fase da nossa vida,

que teria início assim que eu fosse promovido. No entanto, com a morte do Garrett antes do final da temporada, os planos mudaram. Agora, o que deveria ser um momento de alegria foi manchado pela morte do nosso superintendente, e não me parece haver qualquer motivo para celebrar.

Encolho os ombros.

— Gostaria que tivesse vindo em circunstâncias diferentes, sabes?

— Todos nós gostaríamos.

— É esquisito estar aqui, não é? Com todas as coisas dele — acrescento, passando a vista pela sala à nossa volta.

Entre as pessoas que ocupam quase todo o espaço, há pequenas lembranças dele. A poltrona reclinável onde ele assistia aos jogos de baseball está ocupada por um estranho com um prato de comida no colo. Abano a cabeça quando um bocado de molho cai do prato para o chão. Provavelmente, ficará enranhado no tapete quando alguém lhe puser o pé em cima.

Fotografias do Xander e da família dele decoram as paredes. A mãe e os irmãos vieram do Michigan para o funeral. Ouvi dizer que o Xander vai ficar com o *duplex* e, em algum momento, vai ter de tratar das coisas do pai. Não sei como vai lidar com isso.

Pelo canto do olho, vejo o Jacob a entrar, um outro membro da nossa equipa. A sua irmã gémea, a Vi, vem logo atrás. Uma conversa constante zumbete ao redor. O tom geral é animado, como o que se ouve numa festa de casamento ou de licenciatura. É o som de pessoas a porem a conversa em dia e a partilharem boas lembranças sobre o Garrett. Pela minha parte, tenho evitado relembrar. Sempre que o faço, o pensamento é rapidamente ofuscado pela imagem dele pouco antes de morrer. Que porra.

A Molly diz que preciso de encontrar uma maneira de seguir em frente. Estou a tentar, mas às vezes sinto que nunca vou superar isto. Não importa o quanto eu queira. Fui a um psicólogo, mas depois de voltar para casa exausto e esgotado, não me senti melhor e já não tinha qualquer energia para a Molly, o que resultou numa grande discussão naquela noite, e ela acabou por dormir na casa de uma amiga. Independentemente de todos os problemas acumulados na minha mente, não posso permitir que eles destruam a minha vida. Preciso de encontrar uma maneira de os enterrar suficientemente fundo para que não venham à tona. Ou, pelo menos, não deixar que se notem. Ninguém iria compreender a minha mudança de personalidade. Isto não é nada típico da minha parte, porque é suposto eu ser um gajo descontraindo.

— O que é esquisito é estar aqui com tanta gente — diz o King, levantando-se em bicos dos pés para dar espaço a alguém que passa com um ramo de lírios brancos. Viramos a cabeça para a esquerda para não levarmos com

as pétalas na cara. Ele faz um gesto para o pequeno grupo de bombeiros do condado que se reuniu a um canto da sala. — Estou surpreso por os responsáveis pela organização ainda não terem começado a pôr gente na rua. Isto está decididamente sobrelotado.

Solto uma risadinha.

— Pelo menos, o Dave não está aqui. — As palavras saem-me antes que eu as consiga conter.

O Dave e a Molly cresceram na casa ao lado um do outro. Ela diz que ele é como um irmão, mas eu não ficaria surpreso se o Dave tivesse uma paixãoeta por ela desde que eram miúdos. Acho suspeito que ele tenha acabado por vir morar na mesma cidade que nós. Ele também tem tentado mudar da área das estruturas para a dos incêndios florestais. Como um favor à Molly, dei-lhe uma vaga na nossa equipa sazonal, o que foi um erro. Mostrou-se problemático desde o início. Na equipa, portava-se como um idiota arrogante, agindo sempre como se fosse superior a todos, questionando constantemente as ordens e sem nunca prestar atenção aos colegas à sua volta. Além disso, tinha uma péssima ética de trabalho e deixava cair mais motosserras ao chão do que qualquer outro desastrado que eu já vi.

Quando o Garrett me pediu opinião sobre se lhe deveríamos dar um cargo permanente, foi fácil responder: «Claro que não, porra.» No entanto, numa cidade pequena como Sky Ridge, a notícia chegou aos ouvidos do Dave, e ele tem-se portado como um parvalhão desde então.

— Se calhar, não quis aparecer depois de ter sido rejeitado — acrescenta o King. Ele é tão fã dele como eu.

A altura do Xander faz com que ele seja fácil de detetar quando se aproxima.

— Então, meu?

Encosta-se ao nosso lado, junto à parede.

— Oi.

— É uma pena que ninguém tenha aparecido — diz o King num tom de sarcasmo.

— Acho que se pode dizer que os meus irmãos subestimaram a quantidade de pessoas que viriam. Eu tentei avisá-los... — A voz dele é vazia. Odeio isso.

Estamos apertados como sardinhas em lata entre a cozinha e a sala de estar, e eu não poderia estar mais agradecido por estarmos lado a lado, porque olhar para um Xander destroçado é uma autêntica tortura. Ter sido eu a dar-lhe a notícia foi terrível. As palavras tinham um sabor horroroso ao saírem dos meus lábios. Se pudesse engoli-las, tê-lo-ia feito num piscar de olhos.

O ruído indistinto e constante das conversas à nossa volta desvanece-se quando a minha mente volta àquele dia. A expressão no rosto do Garrett mesmo antes de morrer... Milhões de palavras trocaram-se entre nós. Aquela imagem vai ficar gravada na minha memória para sempre. Não havia nada que eu pudesse fazer para impedir que aquela árvore caísse.

A tristeza nas suas feições vai assombrar-me para sempre. Ele sabia que ia morrer; vi isso nos seus olhos, e ele não estava preparado.

Ainda bem que o Xander não estava lá para assistir, e eu vou levar essa memória para a cova. Só espero conseguir enterrá-la tão fundo dentro de mim que nem eu a consiga encontrar. Quero esquecer que ela existe. Infelizmente, ela vem à tona sempre que vejo as fotografias dele, que hoje estão por toda parte. À medida que os meus pensamentos se sucedem, a sala vai-se tornando cada vez mais sufocante, o ar está espesso — é como se eu não conseguisse respirar. *Controla-te, porra*. Lanço uma olhadela para a porta da rua, mas está bloqueada por pessoas que se despedem.

Preciso de ar.

— Vou procurar uma casa de banho — digo, descolando-me da parede. Abro caminho até ao corredor ao fundo, na esperança de que o quarto de hóspedes esteja vazio, para me trancar lá dentro enquanto me recomponho. O meu coração martela a cada passo, e a única coisa que consigo ouvir é o som da pulsação nos meus ouvidos ao mesmo tempo que a minha visão se estreita. *Merda, será que estou a ter um ataque cardíaco?*

É como se os meus pensamentos estivessem a girar pelo ralo abaixo e eu não conseguisse sair desse vórtice. Apesar dos meus melhores esforços, não consigo desviá-los para outra coisa qualquer. *Inspiro*. O meu peito está demasiado contraído para conseguir respirar fundo e sinto-me esmagado pelo enorme peso de tudo o que aconteceu. Os meus dedos tremem enquanto tento afrouxar a gravata à volta do pescoço; mais parece um nó de enforcado.

Finalmente, chego ao quarto e deito a mão à maçaneta da porta, abrindo-a com força, e sustenho a respiração e espero que o alívio chegue.

Mas isso não acontece.

Sinto-me atingido por um murro no estômago ao ver a minha futura mulher a ser fodida por outro gajo.

Parece que afinal o Dave sempre veio.



CAPÍTULO 1

SCOTTIE

Presente

As luzes fluorescentes piscam no escritório municipal encardido, mas isso não parece incomodar ninguém por aqui. É silencioso, à exceção do barulho dos teclados e dos cliques dos ratos que vêm dos cubículos e dos gabinetes próximos. Ocasionalmente, o silêncio é quebrado por um telefone a tocar.

Ajeito as minhas calças passadas a ferro. Os secadores no vestiário feminino não eram suficientemente quentes para tirar todos os vincos da minha blusa de algodão, mas tiraram a maioria deles. É o resultado de viver só com uma mala de viagem — e de estar a morar num *carro*.

Espero que a minha roupa não seja um fator decisivo para conseguir este emprego de paramédica. Se for contratada, poderei dar uma entrada num pequeno estúdio em Sky Ridge. O senhorio disse que eu poderia pagar todos os meses em dinheiro. Já concordei em ficar com o apartamento, mesmo sem o ter visto. Desde que tenha um telhado, quatro paredes e uma casa de banho, não me importo com o aspeto que tiver. Já o registei como o meu endereço na documentação e, até agora, ninguém verificou.

Um homem sai de um dos gabinetes.

— Olá. Prescott? Eu sou o Noah, falámos ao telefone há pouco.

Forço um sorriso e levanto a vista para os olhos amáveis de um homem corpulento. É o responsável pelas contratações neste gabinete municipal, onde tratam de algumas vagas para os serviços públicos do condado, como o cargo de técnica de emergência médica que espero conseguir.

Levanto-me e aperto-lhe a mão com entusiasmo.

— Sou eu. Prazer em conhecê-lo.

Aperto a mão dele com firmeza. Eu não sou fraca. *Eu não sou fraca.*

Tenho as minhas qualificações, já fiz este trabalho antes, preenchi toda a papelada. Conquistei isto sozinha. Ele conduz-me ao seu gabinete e eu

sento-me na cadeira em frente à sua secretária enquanto ele se senta do outro lado.

A secretária de metal bege está cheia de papéis e de calendários. Engulo em seco. Ele vasculha as pilhas até pegar numa pasta de papel pardo. Quando a abre, vejo o meu nome.

— Parece que todos os seus certificados e documentos estão em dia — murmura ele, folheando alguns dos impressos da minha candidatura sem olhar para mim.

— Sim, senhor — assinto.

— Quando é que pretende começar?

— O mais depressa possível — *Será que isto foi precipitado?* Não quero que perceba o quanto estou desesperada.

— Acho que isso se pode arranjar. — Folheia os papéis novamente, à procura de qualquer coisa. — Enviou o seu boletim de vacinação por *fax*?

Merda.

— Oh, pensei que tinha enviado — minto, inclinando-me para a frente para dar ênfase, como se estivesse surpreendida por eles não estarem na pasta.

— Peço desculpa, posso enviar uma cópia por *e-mail* esta tarde?

— Tudo bem. — Fecha a pasta. — Como sabe, temos uma vaga para técnico de emergência médica no Corpo de Bombeiros de Sky Ridge, na County Road 2, não muito longe daqui.

Já passei por lá pelo menos uma dúzia de vezes, murmurando sempre uma prece aos deuses do emprego. Sendo esta uma cidade tão pequena, a concorrência é reduzida, o que aumenta as minhas hipóteses.

— Eles têm uma equipa excelente. Acho que se vai adaptar bem. — Tira outro papel da pasta. *Parece um contrato de emprego.* O meu coração acelera. Contenho as lágrimas. — Trinta e seis horas por semana. Três dias a trabalhar, quatro de folga.

Perfeito.

— Já estou habituada a fazer turnos de doze horas.

— O salário é de vinte e um dólares e meio por hora.

— Ótimo.

Por favor, deixe-me assinar.

— Mais alguma pergunta?

— Não, senhor. Vou adorar o cargo.

Ele pega numa caneta, aparentemente satisfeito por se livrar de mim.

— Excelente. Já redigi o contrato de trabalho.

Entrega-mo para eu lhe dar uma vista de olhos e eu assinto com a cabeça, resistindo à vontade de guinchar.

— Vamos mantê-lo em suspenso até recebermos o seu boletim de vacinação. Depois de o enviar e de tudo estar em ordem, envio-lhe uma cópia do contrato de trabalho por *e-mail*. Basta assiná-lo e devolvê-lo também por *e-mail*. Assim, não precisa de voltar a deslocar-se até aqui. — Aclara a garganta. — Assim que estiver tudo completo, terá autorização para começar na próxima terça-feira. Pode ser?

— Ótimo! — Sorrio, é o meu primeiro sorriso genuíno em muito tempo. — Não há qualquer problema, vou enviar uma cópia por *e-mail* assim que voltar. Obrigada.

Tenho um emprego.

Ele levanta-se e eu faço o mesmo. Apertamos a mão, agradeço uma última vez e ponho-me a andar dali.

Ao sair do escritório, vou andando até ao meu carro, estacionado no canto mais distante do parque. Não posso arriscar a que alguém espreite lá para dentro e veja as provas de que o meu veículo me tem servido de casa nas últimas semanas. Estou a fazer com que isto resulte.

Acontece que uma mensalidade num ginásio é muito mais barata do que um mês num hotel, e posso tomar quantos duches quentes eu quiser, além de ter as mesmas regalias. *A não ser uma cama*. Felizmente, os funcionários acham que eu sou uma fanática do ginásio, em vez de uma sem-abrigo que precisa de um sítio para tomar banho. Pelo lado positivo, estou na melhor forma física que alguma vez estive na vida.

Estou a manter-me escondida do outro lado do país. É muito longe da pequena cidade onde cresci — e da comunidade que está empenhada em tornar a minha vida miserável.

Se forem suficientemente espertos para verificarem o meu número de segurança social, há uma boa hipótese de ligarem para o meu local de trabalho e de me causarem problemas, mas já se passaram semanas desde que me vim embora. A lata de café que escondi no fundo do armário da cozinha foi-se enchendo lentamente com moedas e notas durante quase um ano. Foi isso que me conseguiu trazer até Sky Ridge, em Washington, que é praticamente o mais longe de casa que eu poderia estar — e nunca fui tão feliz.

Dou uma olhadela à minha volta, casualmente, antes de destrancar a porta do carro e entrar. Saindo do estacionamento, dirijo-me diretamente à biblioteca local para usar os computadores e descarregar os meus registos de vacinação do portal do paciente, para os enviar ao Noah.

Em condições normais, teria ligado para o consultório do meu médico para que enviassem os documentos solicitados por *fax*, mas assim que descobrissem para onde os registos estavam a ser enviados, essa informação

chegaria ao conselho em menos de uma hora. Talvez eles nem se importem que eu me tenha vindo embora, mas não vou arriscar.

Enquanto estou na biblioteca, atualizo o meu *e-mail* repetidamente, à espera do contrato de trabalho. *Calma, Prescott. Eles não o vão enviar já de seguida.* Tenho algumas horas para gastar.

Poderia voltar para o ginásio e correr na passadeira, mas a repetitividade iria deixar-me mais ansiosa do que já estou. Nunca fui boa a correr no mesmo sítio; preciso de estar ao ar livre, onde posso distrair-me facilmente com o ambiente.

Saindo da biblioteca, volto para o carro, ligo o rádio e dirijo-me a um dos trilhos locais. Está um dia lindo para uma caminhada.

O parque de estacionamento está vazio a meio da manhã, o que não é nada estranho num dia de semana, porque toda a gente está a trabalhar. Troco as minhas roupas e sapatos mais formais por umas calças de caminhada, um casaco leve e umas botas. O contraste entre o céu azul e o panorama verdejante é deslumbrante.

Sou natural de uma região montanhosa, mas foi ao conduzir para noroeste, em direção a Washington, que vi montanhas a sério pela primeira vez. Tão altas que os cumes estão cobertos de neve, perfurando as nuvens. Tão extensas que não se consegue ver onde começam e onde terminam.

No momento em que as minhas botas pisam o trilho, um sorriso abre-se nos meus lábios. Estar perto da natureza é onde me sinto mais feliz. O solo está pintado num tom de siena, rico e quente, cheio de agulhas de pinheiro caídas. Encho os pulmões com o ar fresco e húmido do outono e inspiro o aroma das árvores perenes, deixando que a sensação de satisfação perdure na minha alma. Este poderia ser o meu lar. Poderia deambular por estas florestas profundas para sempre. Depois de apenas algumas semanas, anseio por estabelecer a minha vida nas montanhas.

Ao fim de cerca de um quilómetro e meio, a floresta abre-se para uma clareira, e os raios de sol aquecem o meu rosto quando inclino a cabeça para beber água. O caminho não é tão visível na clareira, por isso sigo os montes de pedras, altas pilhas de calhaus colocadas pelas equipas de manutenção dos trilhos para guiar os caminhantes. Deve haver um miradouro nos próximos quilómetros. Concentro-me nesse objetivo, tentando abstrair-me do telemóvel que pesa no meu bolso. *Ainda é cedo para o contrato de trabalho já ter chegado.*

Os meus pensamentos vagueiam enquanto retomo o ritmo e aprecio a paisagem, observando as marmotas que aparecem ocasionalmente por trás de um afloramento rochoso — como a que está agora a chilrear para mim.

— Olá, amiguinha. Estou só de passagem.

A sua mãozinha mexe-se junto à sua barriga amarela e felpuda, e eu sorrio ao passar por ela. Hoje vai ser um bom dia. Vou receber o meu contrato de trabalho e depois vou entrar em contacto com o senhorio e arrendar aquele estúdio. Quem sabe, talvez até me mude antes do fim de semana! Posso não ter móveis, mas tenho um colchão insuflável. Sinceramente, o chão provavelmente será mais confortável do que ficar encolhida no banco de trás do meu carro, como tenho feito nas últimas semanas.

Além disso, aparece sempre alguma coisa gratuita nos classificados da Internet. Já vi o estado do prédio por fora e, se o interior do apartamento for parecido com o exterior, há uma razão para ele estar vazio há tanto tempo. O lugar é uma espelunca, mas está prestes a ser a *minha* espelunca. Espelunca doce espelunca.

À minha frente há uma placa com uma seta a apontar para a esquerda, indicando o miradouro. Sigo por esse caminho e continuo a sonhar acordada com o meu futuro neste sítio. É a primeira vez que percorro este trilho, mas espero encontrar uma vista deslumbrante no topo da colina.

Não demoro muito para chegar ao miradouro. No final do caminho, um enorme vale abre-se para um lago deslumbrante, com o reflexo do Sol a brilhar ao longo das suas margens. Colinas e florestas estendem-se até onde a vista alcança. É espetacular.

Sim. Este pode ser o meu lar.